

## CRIME E CASTIGO: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DA PERSONAGEM CENTRAL SOB A PERSPECTIVA SOCIAL E HISTÓRICA

**Esdras Vitor Samuel Elói dos Santos**

Graduando em Letras, Instituto Federal de São Paulo - (IFSP), Cubatão, SP, Brasil.

**Marcus Henrique Pereira da Silva**

Graduando em Letras, Instituto Federal de São Paulo - (IFSP), Cubatão, SP, Brasil.

**Rosa Maria Micchi**

Mestra em Letras, Instituto Federal de São Paulo - (IFSP), Cubatão, SP, Brasil.

**Resumo:** Este artigo tem como foco de abordagem o estudo da obra *Crime e Castigo*, do escritor russo Fiódor Dostoiévski, buscando a análise literária do comportamento da personagem principal, Rodion Románovitch Raskólnikov, sob a perspectiva sociológica e histórica. Para tanto, utilizaram-se os conceitos de herói problemático, proposto por Georg Lukács (2000); de estruturalismo genético, por Lucien Goldmann (1990); e as contribuições de Paul Bushkovitch (2014) e Orlando Figes (2017) sobre a história da Rússia. Os resultados apontam que o jovem Raskólnikov é um herói problemático e, além disso, caracteriza-se como carrasco de si mesmo e das mudanças ocorridas no seu contexto social e histórico.

**Palavras-chave:** Crime e Castigo. Raskólnikov. Herói problemático.

**Abstract:** This article focuses on the study of the work “Crime and Punishment”, by the Russian writer Fiódor Dostoiévski, presenting a literary analysis of the behavior of the main character, Rodion Románovitch Raskólnikov, from a sociological and historical perspective. For that, we used the concepts of problematic hero, proposed by Georg Lukács (2000); genetic structuralism, by Lucien Goldmann (1990); and the contributions of Paul Bushkovitch (2014) and Orlando Figes (2017) on the history of Russia. The results show that the young Raskólnikov is a problematic hero and executioner of himself and of the changes that have taken place in his social context.

**Keywords:** *Crime and Punishment. Rakólnikov. Problematic hero.*

## INTRODUÇÃO

O romance *Crime e Castigo* do escritor russo Fiódor Dostoiévski foi publicado em 1866 e, desde então, se consagra como um dos maiores romances já escritos em toda a história da literatura mundial. O presente artigo trata de uma análise literária que tem como foco a construção da personagem central, Ródion Ramanovitch Raskólnikov, sob o ponto de vista social e histórico.

*Crime e Castigo* (2001) apresenta a vida de um jovem que passa a residir em São Petersburgo com a intenção de estudar Direito, mas devido à sua situação financeira, deixou de cursar a faculdade para poder ter um melhor sustento. Mesmo assim, ele se encontrava em uma situação de extrema pobreza, sem dinheiro para pagar o aluguel de um minúsculo cubículo, por posse da exploradora Aliena Ivánovna, uma velha usurária. Com isso, Ródion começa a arquitetar um plano de assassinato da velha, acreditando que tal ato melhoraria a vida dele e a dos outros miseráveis inquilinos que ali moravam.

Na obra, o jovem, ex-estudante de direito parece conferir ao leitor a consciência da imprevisibilidade de seu comportamento e, ao mesmo tempo, se aperceber da sorte trágica que lhe ronda. Com o desenvolvimento narrativo de seu mundo interno em permanente choque com o externo, ele revela os mais profundos recônditos da alma humana após o crime cometido. Nesse sentido, surge a necessidade de aprofundar a análise, abordando os elementos envolvidos neste estudo, que dizem respeito aos pressupostos teóricos de alguns estudiosos como Lucien Goldman (1990), Georg Lukács (2000), Orlando Figes (2017) e Marshall Berman (1986).

Dessa forma, é importante salientar que se procura direcionar a análise da personagem principal a um estudo estrutural, seguindo o aspecto social como um ponto de extrema relevância, pois assim como afirma Candido (2000, p. 6):

O elemento social é, portanto, constitutivo à obra literária: “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como

elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

## O HERÓI PROBLEMÁTICO

Ao estudar os processos de evolução da forma romanesca, Lukács (2000, p. 55) aponta que o romance é “a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade”. Em outras palavras, pode-se dizer que o autor partiu da epopeia grega para conceituar a forma do romance, discutindo o herói problemático em face ao herói épico e o herói trágico.

Primeiramente, a epopeia apresenta uma estrutura em que o mundo, com um forte aspecto transcendental, marca a correspondência da presença divina. O herói aceita o que está destinado a ele como um presente divino, um sinal. Dessa forma, em suas aventuras, ele segue lutando pelos valores do seu povo, que são os mesmos que os seus. Então, para Lukács, a forma da epopeia retrata uma era em que

(...) Não há ainda nenhuma interioridade, pois ainda não há nenhum exterior, nenhuma alteridade para a alma. Ao sair em busca de aventuras e vencê-las, a alma desconhece o real tormento da procura e o real perigo da descoberta, e jamais põe a si mesma em jogo; ela ainda não sabe que pode perder-se e nunca imagina que terá de buscar-se (2000, p. 26).

Em segundo plano, observa-se que a estrutura da tragédia apresenta semelhanças com a da epopeia, pois ainda existirão os deuses, os heróis e os aspectos mitológicos. Porém, passam a surgir algumas particularidades. Uma delas reside no fato de que o destino passa a ser encarado de uma outra forma pelo herói trágico, ou seja, agora ele tende a romper com o que antes parecia ser uma regra e passa a ter um pouco de autonomia de suas escolhas.

Assim sendo, o teórico chega ao ponto da forma do romance e verifica que nessa estrutura não haverá mais a presença de deuses. O ser humano é entregue à sua própria sorte, tornando-se um ser completamente autônomo de suas escolhas, sem a interferência divina. Isto estabelece o contraponto existente entre a epopeia/tragédia e o romance: o caráter do herói no romance será puramente humano e psicológico.

A nova forma pontua uma quebra insuperável, uma ruptura estabelecida entre o herói e o mundo. Essa ruptura traz a problemática da narrativa, que, por sua vez, configura-se na busca do herói. Em outras palavras, Lukács (2000) pontua que essa busca

(...) Pode tratar-se de crime ou loucura, e os limites que separam o crime do heroísmo aclamado, a loucura da sabedoria que domina a vida, são fronteiras lábeis, meramente psicológicas, ainda que o final alcançado se destaque da realidade cotidiana com a terrível clareza do erro irreparável que se tornou evidente (p. 61).

Desse modo, no que concerne ao herói da nova forma, o qual Lukács denomina herói problemático, pode-se expressar a seguinte ideia pontuada por Lucien Goldmann (1990, p. 9), discípulo de Lukács:

:

O herói demoníaco do romance é um louco ou um criminoso, em todo caso, como já dissemos, um personagem problemático cuja busca degradada e, por isso, inautêntica de valores autênticos num mundo de conformismo e convenção constitui o conteúdo desse novo gênero literário que os escritores criaram na sociedade individualista e a que chamaram romance.

Nesse sentido, Dostoiévski irá construir em *Crime e Castigo* exatamente esse tipo de herói. A figura da personagem principal é retratada como uma personalidade conturbada e melancólica, presa a uma realidade social limitante. O jovem Raskólnikov, logo no início da narrativa, alimenta a ideia – a princípio apenas uma fantasia – de cometer um crime. Primeiramente, sua crença acerca do crime paira

sobre a ideia de que tal ato poderia ser um empreendimento, um recurso. Com isso, em um dos seus questionamentos, ele começa a traçar o crime como a sua busca no mundo:

Mate-a e tome-lhe o dinheiro, para com sua ajuda dedicar-se depois a servir a humanidade e a uma causa comum: o que você acha, esse crime ínfimo não seria atenuado por milhares de boas ações? Por uma vida – milhares de vidas salvas do apodrecimento e da desagregação. Uma morte e cem vidas em troca (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 73).

Apesar de, em primeira instância, o jovem cogitar o crime como um empreendimento, sabe-se que a representação da sua busca estava não só no valor lucrativo, isto é, a responsabilidade de que ele indiretamente poderia assumir para salvar outras pessoas, ou obter os bens materiais de Aliena Ivánovna, mas também na sua própria vontade, em seu próprio benefício.

O fascínio por teorias que o ex-estudante de direito tinha é um ponto fundante para entender mais a fundo sobre a sua busca. A intenção do seu crime não levava em conta somente o aspecto moral e material. Na narrativa, Raskólnikov tece laços de amizade com Dmitri Prokófitch Razumíkhin desde os tempos da faculdade, mas por conta das suas oscilações de humor e do seu sofrimento psicológico, acaba o afastando. No entanto, em um dos seus momentos de sobriedade, ele se encontra com Razumíkhin e Porfiri Pietróvitch, escrevente da polícia, para conversar acerca do artigo que publicou sobre a temática do crime na sociedade. Nesse ponto, abre-se o foco para a teoria criada por Ródion:

(...) Os indivíduos, por lei da natureza, em geral se dividem em duas categorias: uma inferior (a dos ordinários), isto é, por assim dizer, o material que só serve para criar seus semelhantes; a outra, a dos indivíduos ditos, ou seja, os dotados de dom ou talento para dizer em seu meio a palavra nova. (...) formam a primeira categoria, ou seja, o material, as pessoas conservadoras por natureza, corretas, que vivem na obediência e gostam de ser obedientes. (...) formam a segunda todos os que infringem a lei, os destruidores ou inclinados a isso, a julgar por suas capacidades. Os crimes

desses indivíduos, naturalmente, são relativos e muito diversos; em sua maioria eles exigem, em declarações bastante variadas, a destruição do presente em nome de algo melhor (DOSTOIÉVSKI, 2001, p.265, 266).

A ideia de sua teoria baseia-se em legisladores que marcaram a história com suas descobertas, como por exemplo Napoleão, Licurgos, Sólon, Maomé, entre outros. Segundo o jovem, esses homens seriam extraordinários por violarem leis antigas e criarem uma nova a partir do derramamento de sangue. O ex-estudante de direito acreditava que se encaixava na categoria de homens extraordinários, porque poderia considerar seu crime como um ato heroico.

No entanto, algo de novo é apresentado na condição de Raskólnikov, que é notável na sua extrema complexidade psicológica, a qual expõe a controvérsia de que ele é um homem extraordinário. Se o seu ato poderia salvar uma nação, Ródion estaria plenamente consciente da sua decisão e de que os problemas anteriores, de fato, estariam sanados, afinal, em seu ato havia uma aparente justificativa. Mas a personagem percebe que não é um sujeito extraordinário, muito menos um legislador que marcou a história mundial. Ele não é esse tipo de indivíduo e não faz parte desse tipo de história.

Logo, pode-se afirmar que o seu perfil se confirma na narrativa como problemático. Um ponto importante a corroborar a questão da sua complexidade é que o jovem entra em contradição ao refletir que o que fez com a velha foi um absurdo, sugerindo então, que o seu crime não era um ato heroico nem um empreendimento:

A velhusca foi um absurdo! – pensava com ardor e ímpeto –, a velha vai ver que foi mesmo um erro, mas não é nela que está a questão! A velha foi apenas uma doença... eu queria ultrapassar o limite o quanto antes... eu não matei uma pessoa, eu matei um princípio! (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 281)

Essa imprevisibilidade ocorre porque a alma desse herói é acabada em si mesma como uma obra de arte ou divindade, e não pode exprimir-se se não por

atitudes inadequadas “devido a esse encerramento maníaco em si mesmo” (LUKÁCS, 1933, p. 113). As ações de Ródion conseqüentemente o distanciaram do convívio com as pessoas à sua volta, como se nota em “minha mãe, minha irmã, como eu as amava! Porque eu as odeio agora?” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p.282).

Portanto, seu perfil de herói problemático é constituído dessa forma. Em outras palavras, pode-se dizer que o nome ao qual se denomina “problemático” é autoexplicativo, e confirma-se ainda mais com os pontos que foram estabelecidos, de um sujeito que apoia seus reflexos, suas possíveis verdades num ato. A problemática ocorre por um idealismo abstrato, isto é, Ródion não sabe se quer salvar a si mesmo ou salvar o mundo, encontrando-se no meio de uma ruptura entre ele mesmo e a sociedade.

## **SÃO PETERSBURGO**

No que diz respeito ao aspecto social e histórico, verificamos que Raskólnikov apresenta a condição de prisioneiro ou carrasco de si mesmo, pois os valores sociais da época em que ele estava inserido são degradáveis, como sua própria busca no mundo. Dessa forma, sob o método de análise do estruturalismo genético, notamos que a dissonância do protagonista com o espaço em que vive pode ser entendida como o embate com esses valores que se instauravam na Rússia do século XIX, mais propriamente explicitados em São Petersburgo.

O estruturalismo genético é um método de análise que passou a ter sua aplicação na área das ciências humanas, principalmente na história da literatura e na crítica literária. Lucien Goldmann, considerando-se continuador da obra *História e consciência de classe* de Lukács (2003), fundou essa teoria que considera a criação cultural como estruturalmente privilegiada. O método estruturalista-genético consiste numa dialética que faz parte da categoria da totalidade, postulada por Lukács. Tal categoria entende os fenômenos sociais e culturais como estruturas significativas, bem ao modelo de relação que se estabelece entre as partes e o todo. A existência dessas estruturas ou, em outras palavras, totalidades estruturadas, apresenta uma

ideia dialética, uma oposição entre dois pontos, que constituem um significado. É interessante salientar o que Goldmann (1990) pontua:

Parte-se da hipótese de que se pode reunir certo número de fatos numa unidade estrutural, tenta-se estabelecer entre esses fatos o máximo de relações compreensivas e explicativas, procurando-se englobar também outros fatos que parecem estranhos à estrutura que se está destrinchando; chega-se, assim, à eliminação de alguns dos fatos de que se partiu, à admissão de outros e à modificação da hipótese inicial. (p. 211)

Em outras palavras, percebe-se que a oposição é estabelecida entre compreensão e explicação nas diversas partes de uma estrutura. A compreensão parte da ideia de entender a estrutura significativa de um objeto, isto é, a sua elucidação e de que forma ele é construído ou representado.

Já a explicação consiste em inserir determinado objeto em um contexto mais amplo. Goldmann (1990, p. 213) afirma que “explicação e compreensão não constituem dois processos intelectuais diferentes, mas um só processo relacionado a dois quadros de referência”. Considerando esses conceitos como um único processo, pode-se afirmar que a construção da personagem principal está intrinsecamente ligada ao seu contexto mais amplo.

Nesse prisma, abre-se o foco de análise para o contexto social e histórico como uma explicação do objeto de estudo, que é a personagem protagonista. Busca-se inseri-la nesses contextos de maneira ampla, a fim de que se possa estabelecer a relação compreensiva e explicativa de Ródion.

As ações executadas por Raskólnikov são influenciadas pelos processos históricos e sociais que ocorreram em São Petersburgo no século XIX. Seus atos não são justificados em uma relação simplória de efeito e causa por meio desse cenário e seus acontecimentos, porém é perceptível que o elemento externo provocou diversas influências e mudanças internas em Raskólnikov.

São Petersburgo se encontrava em uma forçada industrialização que teve maior incentivo após a guerra da Crimeia, como postula Paul Bushkovitch (2014) em

*História Concisa da Rússia*. Esse ambiente, que passava por um processo de modernização e industrialização forçada, é o contexto do herói problemático.

Segundo Paul Bushkovitch (2014, p. 227-228), a Rússia investiu de forma intensa na industrialização, principalmente nas ferrovias e empresas de cunho metalúrgico. Dado esse fato, acrescenta-se que o processo de urbanização também foi acelerado potencialmente ao ponto de a população crescer de forma massiva. A maioria dos novos residentes da cidade eram operários que deixaram suas famílias e suas aldeias. Esse crescimento das áreas urbanas sufocava o homem, fazia crescer a desigualdade social e a desumanização do povo:

Esse estado de desamparada submissão aos mecanismos econômicos e tecnológicos que o homem criou é estranhamente disfarçado de progresso, liberdade e domínio da natureza pelo homem. Em consequência, tudo o que é permitido passou a ser compulsão mórbida. O homem moderno dominou todas as criaturas acima do nível dos vírus e bactérias – exceto o próprio homem (MUMFORD, 1998, p. 602).

Em relação à urbanização, Lefebvre (2008) definindo a urbanização e industrialização como pares recíprocos, destaca que, diante da industrialização, a cidade, principalmente as grandes cidades como São Petersburgo, se tornaram os espaços de maior nível de centralidade na sociedade capitalista, passando por processos intensos de *implosão* – atraindo tudo para si:

[...] Enorme concentração [...] de pessoas, atividades, riquezas, de coisas e objetos, de instrumentos, de meios e de pensamentos [...]” e também de explosão – “[...] com a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites, etc) (LEFEBVRE, 2008, p. 24).

Mesmo Raskólnikov não sendo um operário, apresenta-se na narrativa como uma personagem que representou a influência do capitalismo industrial pelo fato de que saiu de sua terra natal com a finalidade de encontrar novas oportunidades, no

seu caso, como estudante de uma faculdade de direito. Porém, as condições de vida e de trabalho, principalmente nas cidades de Moscou e São Petersburgo, eram precárias. Por mais que houvesse “oportunidades” de trabalho nas fábricas, os trabalhadores, geralmente, tinham a carga horária de, no mínimo, 12 horas.

Além disso, o povo russo sofria a exploração da nobreza, tendo que pagar altos impostos, com juros mais altos ainda. Essa soma de acontecimentos resultou em um ambiente onde Raskólnikov não teria a oportunidade de se sustentar e no fato de que o pouco dinheiro que sua mãe e sua irmã lhe enviavam fosse de pouca ajuda.

Por meio desse ambiente, pode-se compreender que o protagonista sofreu influências de âmbito externo para executar o seu crime. A falta de dinheiro que não era o suficiente para se sustentar, a frustração de não poder continuar a faculdade de direito e a humilhação de se ver obrigado a depender totalmente de sua mãe e irmã, resultaram no declínio moral da personagem, provocando uma confusão mental, fruto de seu perfil problemático.

Por isso, a cidade de São Petersburgo não deve ser vista apenas como um ambiente em que os personagens da trama estão inseridos, mas sim como um elemento narrativo que desempenha uma função construtiva nos atos da personagem protagonista, constituindo-se como uma entidade maior, ou como um palco físico e espiritual das ações que foram executadas.

Paula Cecília Mendes (2017, p. 18) mostra que o *locus* cidade pode ser considerado uma personagem. A primeira vez, na literatura russa, é retratada pelo escritor russo Puckin em seu Poema “O cavaleiro de Bronze”. O autor mostra que o protagonista deste poema, Evgueni, um homem comum, vê-se indefeso diante da opressora cidade, que não hesita em oprimi-lo e maltratá-lo.

Dostoievski segue essa mesma linha de pensamento, mostrando como a cidade obriga Raskólnikov a constantemente mudar seu comportamento por conta da miséria, decorrente de todos os processos ocorridos na cidade. Não só o jovem é obrigado a mudar, como também todos aqueles que estão inseridos nela.

Raskólnikov é a definição clara de como o homem se sentia encarando a moderna São Petersburgo. O homem, no incipiente mundo moderno, sente-se

ansioso, mórbido e problemático pela preocupação do que poderá acontecer com ele, seja um ato criminoso, seja uma catástrofe natural, já que São Petersburgo foi construída em cima de um pântano gélido, por um mando édito:

Em 1703, numa enevoadada manhã de primavera, uma dúzia de cavaleiros russos seguia pelos charcos áridos e desolados onde o rio Neva deságua no mar Báltico. Procuravam um local para construir um forte contra os suecos, na época em guerra com a Rússia, e os proprietários desses pântanos havia muito os abandonado. Mas a visão do rio largo e sinuoso a fluir para o Báltico era cheia de esperanças e promessas para o tsar da Rússia — sem saída para o mar —, que cavalgava à frente dos batedores. Quando se aproximaram da costa, ele apeou. Com a baioneta, cortou duas tiras de turfa e as arrumou numa cruz sobre o chão pantanoso. Então, Pedro disse: ‘Aqui haverá uma cidade.’ Poucos lugares poderiam ser menos adequados para a metrópole do maior Estado da Europa (FIGES, 2017, p. 20).

Dessa forma, a hostil cidade de São Petersburgo do século XXI implicava incessantes estímulos a seus habitantes, provocando até mesmo problemas nervosos. Além disso, segundo Mendes (2017, p. 11), a numerosa quantidade de pessoas, movimentos e prédios, favorecem para a vulgarização do ser humano. Berman (1986, p. 27 e 28) classifica esse estilo de vida urbano como “modernismo do subdesenvolvimento”, resultante de um problema no qual o sujeito luta para ter uma vida melhor, porém falha e é obrigado a mudar.

A cidade tirava a humanidade das pessoas que passavam a habitar nela, usando a miséria e a fome – no caso de Raskolnikov – como algumas de suas ferramentas para degradar o que restava de vida humana.

## **CONCLUSÃO**

A profunda complexidade de Ródion Raskólnikov parte do fato de que há uma ruptura estabelecida na relação personagem-mundo. A sua realidade social trouxe limitações não só financeiras, como também psicológicas, provocando um choque da sua realidade interna com a realidade externa, o que permite afirmar que o jovem se caracteriza como um herói problemático. Assim, a busca de Ródion no mundo é detratável e abstrata, pois se encerra em si mesma.

Esse encerramento em si próprio parte da constituição do sujeito como indivíduo no mundo capitalista. Os processos de urbanização e industrialização que ocorreram na Rússia do século XIX são dois acontecimentos históricos que marcaram os impactos nas condições sociais e humanas, acelerando a desigualdade e o individualismo.

Ródion Románovitch Raskólnikov representa o colapso do indivíduo moderno, frente aos acontecimentos sociais e históricos que transformaram a realidade.

Portanto, pode-se concluir que o seu perfil problemático é influenciado pelas mudanças que ocorreram social e historicamente no século XIX na Rússia, acarretando-lhe “uma demasiada consciência estreita, em relação à complexidade do mundo (GOLDMANN, 1990, p. 10)”, assim como o jovem reflete com si próprio: “quem sou eu? Eu sou um homem acabado, nada mais. Um homem que, pode ser, tem sentimentos e simpatias, que, é possível, sabe alguma coisa, mas absolutamente acabado (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 467)”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade.** São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986.

BUSHKOVITCH, Paul. **História Concisa da Rússia.** Tradução de José Coelho Mendes Neto. São Paulo: EDIPRO, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Publifolha, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo.** Trad., prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001.

FIGES, Orlando. **Uma História Cultural da Rússia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance**. Trad. de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1990. p. 9-213.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 26-61.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Romance**. Lisboa: Presença, 1933.

\_\_\_\_\_. **História e Consciência de Classe: Estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MENDES, Paula Cecília Borges. **Cidade, crime e castigo: uma leitura da modernidade em Dostoievsky**. 2017. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. p. 11-18. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19542/3/CidadeCrimeCastigo.pdf>>. Acesso em: 15 de Abr. de 2021.

MUNFORD, Lewis. **A cidade da história: suas transformações e perspectivas**. Tradução Neil R. da Silva. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.